

Os atrativos para os bancos

estrangeiros

s ministros que nos
andam a política e
ca do País. O atual m

o Ministério da Fazenda, ex-ministro da Fazenda, Ernesto Galvães, a presidência do Banco Central. O mercado antecipava a necessidade de maior integração do sistema financeiro nacional com o internacional, dadas as circunstâncias vislumbradas de um crescimento ímpar do comércio exterior brasileiro e a política em vigor de complementação da poupança interna com recursos externos.

A idéia foi engavetada. Razões de ordem política e seus efeitos sobre correntes de opinião nacionalista que determinaram a orientação pelo endividamento em vez de investimentos estrangeiros — e econômicas como a incipiente consolidação do sistema financeiro nacional, reformulado partir de 1965 pela lei do mercado de capitais e pela reforma bancária, foram decisivas para seu adiamento.

Há dois anos, novamente o "Rio-Dólar" voltou a ser discutido e, pela segunda vez, afastado. Embora não existam dispositivos legais proibindo o ingresso de novos bancos estrangeiros no Brasil, uma norma não escrita, adotada pelas autoridades, tem impedido o acesso de muitos deles ao crescente mercado financeiro nacional. Contudo, passados dezenas de dias, os quais a economia brasileira sofreu o impacto de duas crises internacionais do petróleo, por fim, da consequente deterioração das contas cambiais, a questão parece ligeira no dia-a-dia do empresário financeiro e das autoridades monetárias.

período, o setor de serviços na economia apresentou as taxas de crescimento acima da média histórica do Produto Interno Bruto de 7% — fundadas basicamente na expansão do comércio exterior e nas operações financeiras. Os bancos queiros brasileiros, aparentemente, vêm-se opondo à presença de capitais estrangeiros no mercado financeiro. Como diz seu porta-voz, o presidente da Federação Nacional dos Bancos, Theophilo de Azeredo Santos, "é o único setor integralmente internacional da economia". Na verdade, os contornos finais desse mercado ainda não estariam estabelecidos completamente.

Os pequenos bancos procuram definir melhor seu papel na economia, e os de médio porte ainda disputam com os grandes conglomerados um lugar nesse mercado. Mesmo entre os grandes, há aqueles que procuram integrar-se com o capital estrangeiro, abrindo agências no exterior e mantendo estreitas relações com seus tradicionais parceiros estrangeiros. E outros, ainda arredios a um comprometimento maior com capitais estrangeiros, consolidam suas posições internas, embora se vinculando, cautelosamente, a grupos estrangeiros para viabilizar suas operações em outras moedas, especialmente nos países das Américas.

claramente por meio dos bancos de investimento coligados, como é exemplo maior banco privado bra-

Hoje, com uma dívida externa da ordem de US\$ 55 bilhões e uma necessidade anual de novos recursos, entre investimentos e diferentes linhas de crédito, da ordem de US\$ 22 bilhões, além do volume de comércio exterior que entre exportações e importações, deverá ultrapassar os US\$ 50 bilhões, parece mais difícil evitar as pressões para que os bancos estrangeiros venham ao País.

Cerca de 28 bancos, a maioria norte-americanos, mas também alemães, franceses, ingleses, suíços e japoneses, só hoje credores da maior parte da dívida externa e praticamente realizam todo o câmbio nas operações comerciais. A delicada situação cambial do País, com reservas pouco acima do limite mínimo recomendável (três meses de

importações), mas um elemento a pressionar a resistência oficial. Exemplos mais conhecidos de pressão são os do banco Morgan Guaranty Trust Co., de Nova York, o quarto maior banco americano e um dos cinco maiores credores privados do País, ou os do Banco de Paris e os do Pays Bas, cujas propostas de ingresso pleno no mercado brasileiro se renovam a cada ano.

nomistas do Rio de Janeiro, Maria da Conceição Tavares, mas contestada por economistas da Fundação Getúlio Vargas, como Palo Rabello de Castro e Antônio Carlos Lemgruber. Entre os próprios bancos estrangeiros, há, sem dúvida, restâncias, considerando-se as tradicionais rivalidades entre os grandes grupos internacionais. Exemplo típico foi a recomendação de Heinz Riehl, vice-presidente do Citibank, para criar um "Rio-Dólar" apenas para os bancos estrangeiros em operação no País. Ou seja, uma reserva para aqueles que aqui já se encontram.

A multiplicidade de negócios e operações nas mais variadas regiões do mundo, tais como pré-financiamentos a exportações, financiamentos a importações, empréstimos em moeda, "leasing", em suas diferentes modalidades, como "leasing-back" ou "back-to-back" e, mais recentemente, o simples desconto de promissórias de exportação, tornam praticamente inevitável a presença marcante de bancos estrangeiros no País, assim como a abertura de novas agências no exterior tem propiciado aos bancos brasileiros uma rentabilidade elevada.

Apenas o Banco do Brasil, como exemplo, obteve em 1979 12% de seus lucros de suas agências no exterior. Além disso, desbravam-se novos negócios na área de "commodities", como a participação direta e ativa de corretores brasileiros nos grandes mercados de Chicago e Londres, tornando necessária a integração cada vez mais eficiente entre os sistemas financeiros.

A possibilidade de abertura no mercado financeiro interno está vinculada às negociações entre as autoridades e os bancos estrangeiros, em torno do continuado apoio destes ao esforço oficial para tirar o País da crise financeira externa e controlar a espiral inflacionária. Entretanto, como 8º produtor do mundo ocidental, o Brasil tenderá a estreitar ainda mais seus la-

treitar ainda mais seus laços com o capital estrangeiro. Com a vinda dos bancos, virão, também, capitais de investimento, e, talvez, o "Rio-Dólar" já não seja suficiente para atender a todas as necessidades causadas pela crescente integração da economia brasileira